


A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE PARA A IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DA INOVAÇÃO SOCIAL ¹

THE IMPORTANCE OF PRESENT TIME HISTORY FOR IDENTIFYING AND ANALYZING SOCIAL INNOVATION

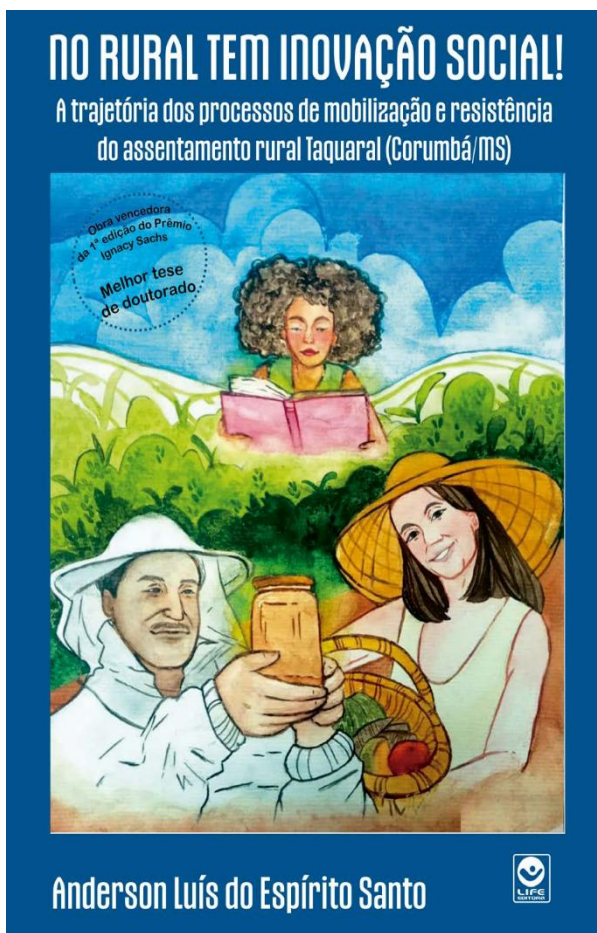


Douglas Josiel Voks

 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7725-4389>

 E-mail: douglas.jvoks@gmail.com



SANTO, Anderson Luís Espírito. *No rural tem inovação social!* A trajetória dos processos de mobilização e resistência do assentamento rural Taquaral (Corumbá/MS). Campo Grande: Life Editora, 2023. Disponível em: <https://x.gd/cBYBC>

O livro “No rural tem inovação social! A trajetória dos processos de mobilização e resistência do assentamento rural Taquaral”, de Anderson Luís do Espírito Santo, deriva de sua tese de doutorado e foca nas práticas e experiências de inovação social no assentamento rural Taquaral, situado em Corumbá-MS. Este assentamento se localiza na zona fronteira Brasil-Bolívia e está inserido em um cenário desafiador, tanto em termos de ecossistema (Pantanal) quanto de desenvolvimento socioeconômico (Mato Grosso do Sul e a centralidade nas

¹ ESPÍRITO SANTO, Anderson Luís. *No rural tem inovação social!* A trajetória dos processos de mobilização e resistência do assentamento rural Taquaral (Corumbá/MS). Campo Grande: Life Editora, 2023. Disponível em: <https://x.gd/cBYBC>

commodities). O livro busca compreender como ocorre a inovação social e sua contribuição para o desenvolvimento rural em um contexto marcado pela desigualdade e pela concentração fundiária.

De antemão, importante deixar claro que inovação social é, para Anderson, um processo de mudança social que exige experimentação democrática (participação ativa dos atores sociais no território) através da mobilização de diferentes coletivos em torno das consequências produzidas pelos problemas públicos, ou seja, todo distúrbio que atinge um determinado grupo. É diante dessa instabilidade ou, como colocado pelo autor, perturbação da vida social, que os atores sociais vão buscar enfrentar as problemáticas diante de si. O resultado dessa ação é a inovação social no meio rural.

O autor explica que o escopo da investigação diz respeito à inovação social no meio rural, abordando como as famílias assentadas no Taquaral identificam problemas e se mobilizam para encontrar soluções e exigir direitos que muitas vezes requerem práticas transformadoras. Essa mobilização se dá tanto para reivindicar estruturas e serviços públicos (como acesso à água, estradas e educação) quanto para criar alternativas produtivas viáveis (apicultura). Portanto, o autor estuda o desenvolvimento rural em sentido amplo com um olhar particular sobre a territorialidade, a sustentabilidade e a inclusão social.

A partir da leitura aqui proposta, ancorada na abordagem da história do tempo presente como lente interpretativa do resenhista, a história do tempo presente desempenha um papel crucial no livro, pois permite ao autor analisar e problematizar acontecimentos recentes e outros em curso, facilitando uma leitura mais direta e crítica das condições políticas, sociais e econômicas que influenciam a vida das famílias assentadas até a atualidade. Isso traz abordagens críticas e lições históricas sobre a influência recente de políticas, mudanças socioeconômicas e a influência intrusiva do agroceleiro na reforma agrária e nos movimentos sociais no campo.

No capítulo 1, “evidenciando as perspectivas e os desafios dos assentamentos rurais no Brasil através da inovação social rural”, o autor apresenta o conceito de inovação social como um caminho para transformar o meio rural e, em particular, os assentamentos. Tal inovação é descrita como uma abordagem capaz de introduzir mudanças estruturais e de fortalecer as comunidades rurais, proporcionando a elas melhores condições de vida. Anderson considera os assentamentos rurais como “dispositivos sociais” onde as famílias, entidades locais, políticos e pesquisadores interagem para fortalecer a agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável. Ele argumenta que os assentamentos podem ser motores de transformação e experimentação social, especialmente em regiões onde o poder público não atende integralmente às demandas locais, caso de Corumbá-MS.

O autor destaca ainda os desafios específicos enfrentados pelos assentamentos no Brasil, que incluem precariedade de infraestrutura, dificuldades de acesso a crédito e a mercados, e a falta de apoio técnico e educacional. Nesse contexto, a inovação social surge como uma resposta coletiva a esses problemas, promovendo soluções que integram os valores e práticas da comunidade.

O segundo capítulo aborda o desenvolvimento rural no estado de Mato Grosso do Sul e detalha como ele foi moldado pelo avanço do agronegócio. O autor fala sobre os efeitos do modelo de agronegócio intensivo, em que poucas culturas de alta produtividade, como soja e milho, ganhavam atenção. Se por um lado esse modelo elevou este setor a um papel de maior destaque, por outro, trouxe consequências sociais e ambientais sombrias, como desmatamento, poluição dos rios e erosão do solo. Anderson critica a concentração fundiária, o predomínio de latifundiários e as grandes corporações que marginalizam pequenos agricultores e assentamentos rurais e questiona a imagem marketeira do agronegócio, promovida pela propaganda “Agro é pop, Agro é tech, Agro é tudo”, que retrata o setor como um símbolo de modernidade e progresso econômico, enquanto, na realidade, essa narrativa abafa os inúmeros problemas gerados, incluindo a exclusão de agricultores familiares e o aumento da desigualdade. Em contrapartida, o autor defende a agroecologia e a agricultura familiar como alternativas mais justas e sustentáveis, capazes de oferecer uma resposta aos problemas gerados pela monocultura e pela exploração intensiva da terra, daí a importância dos assentamentos rurais.

O terceiro capítulo (re-configuração dos espaços rurais) foca no assentamento Taquaral, um dos mais antigos do Mato Grosso do Sul, cuja história é marcada por lutas pela posse da terra e pela busca por condições dignas de vida. Em linhas gerais, o assentamento foi criado a partir da desapropriação de terras de um antigo grupo minerador e atualmente abriga cerca de 350 famílias. As principais atividades econômicas do assentamento incluem a produção de leite, mandioca, milho e mel, além da criação de gado e aves. Com o tempo, os assentados passaram a ter papel fundamental no abastecimento alimentar da região, contribuindo para a economia local e para a segurança alimentar.

A partir da história do tempo presente, utilizada como referencial nesta resenha, é possível compreender como essa perspectiva é crucial para estudar a inovação social no assentamento Taquaral porque permite que Anderson interprete as práticas e respostas emergentes da comunidade rural como reações diretas às condições contemporâneas de exclusão e vulnerabilidade.

Para esta resenha, o diálogo com Enzo Traverso (2019)² é mobilizado como referencial teórico externo, pois, para esse autor, a história do tempo presente permite uma “*relação imediata entre passado e presente*”, o que ajuda a compreender as inovações como respostas históricas específicas, influenciadas por fatores econômicos e sociais recentes. Segundo Traverso (2019, p. 40), o presente é “*uma construção de sentido em andamento [...] que não se limita a registrar o passado, mas revela como o presente é vivido e reinterpretado*”. Assim, Anderson não apenas registra as inovações sociais do Taquaral, mas interpreta o cotidiano de exclusão e luta que leva a mobilizações e busca de respostas (práticas, ações, soluções) que visam transformar o presente e abrir perspectivas futuras. Um exemplo foi a busca pela educação aos filhos, iniciada nos anos 1990, e, futuramente, pela resignificação da escola (focar na educação do campo, atual).

Nesse sentido, a inovação social no Taquaral se manifesta de várias maneiras, incluindo a formação de associações de produtores e a adoção de práticas colaborativas para superar desafios comuns. Anderson identifica e detalha cinco “cenas públicas” (dá década de 1940 até 2021) que representam momentos-chave na trajetória do Taquaral, cada uma ilustrando uma fase da luta e da organização comunitária. Por exemplo, ele descreve a fundação da Associação dos Apicultores da Agricultura Familiar de Corumbá, criada para ampliar a produção de mel, diminuir o êxodo rural dos jovens e fortalecer a economia do assentamento. Essa associação é um exemplo de inovação social, pois mobiliza os assentados em torno de uma atividade produtiva sustentável e promove a inclusão social e econômica.

Inspirado nas reflexões de Henry Rousso(2016)³, mobilizado aqui pelo resenhista para ampliar a leitura histórica, a história do tempo presente também permite que Anderson contextualize essas cenas através da luta do assentamento com o impacto de políticas públicas contemporâneas e a influência de movimentos sociais atuais. Isso é pertinente, pois, como nos ensina Henry Rousso (2016, p. 32), essa abordagem oferece uma “*compreensão da ação e da experiência humanas dentro de uma realidade em transformação*” e permite ao pesquisador acompanhar as “*mudanças rápidas e as consequências imediatas*” de políticas recentes. No caso do Taquaral, Anderson utiliza essa perspectiva para conectar o desenvolvimento dos assentamentos às políticas de governo e à atuação de movimentos como o MST, destacando como o apoio e a pressão desses grupos são centrais para a conquista de direitos no presente, especialmente em uma sociedade onde a reforma agrária ainda enfrenta resistências estruturais.

² TRAVERSO, Enzo. O passado: modos de usar. História, memória e política. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

³ ROUSSO, Henry. A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

Todavia, o Taquaral, assim como outros assentamentos do Brasil, é permeado por retrocessos e descasos. Nesse ponto, Anderson apresenta as dificuldades das famílias em torno da infraestrutura, como estradas em péssimo estado e a falta de serviços básicos, o que dificulta o escoamento da produção e o acesso a mercados.

Seguindo a mesma chave interpretativa adotada nesta resenha, os desafios e retrocessos narrados nessa seção dialogam com as reflexões de François Hartog (2013)⁴, pois, ao discutir o “regime de historicidade”, Hartog propõe que a história do tempo presente fornece uma visão crítica das contradições e continuidades do passado recente no presente. O uso de Hartog, nesta resenha, tem caráter interpretativo e não deriva diretamente da bibliografia da obra analisada. Anderson emprega essa perspectiva para expor as permanências e rupturas nas políticas de desenvolvimento rural. Por exemplo, a extinção temporária do Ministério do Desenvolvimento Agrário e a flexibilização das regulamentações ambientais durante o governo Bolsonaro são analisadas como descontinuidades que afetam os assentados diretamente, dificultando seu acesso a recursos essenciais e aprofundando a vulnerabilidade dos territórios rurais. Como Hartog sugere, o tempo presente permite ao autor observar como essas decisões políticas criam um “*campo de tensão*” entre avanços e retrocessos, que influenciam a vida dos assentados e as oportunidades de desenvolvimento.

Chegando ao final, Anderson argumenta que a reforma agrária e o fortalecimento da agricultura familiar são essenciais para o desenvolvimento rural sustentável e para a inclusão social no Brasil. Ele ressalta que os assentamentos rurais não são apenas instrumentos de redistribuição de terras, mas também espaços de experimentação democrática e inovação social. A reforma agrária, segundo o autor, deve ser entendida como um processo contínuo de fortalecimento das comunidades rurais, que requer políticas públicas de apoio e investimentos em infraestrutura, educação e saúde.

Anderson também aborda o papel dos movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a CPT (Comissão Pastoral da Terra), que têm sido fundamentais na luta por direitos e na mobilização das comunidades rurais. Esses movimentos ajudaram a consolidar os assentamentos como espaços de resistência e de construção de alternativas ao modelo tradicional de desenvolvimento rural. A reforma agrária, defendida por esses movimentos, visa não apenas à distribuição de terras, mas também à criação de condições para que as famílias assentadas possam viver com dignidade e segurança.

⁴ HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Nas considerações finais, o autor reflete sobre os aprendizados da trajetória do assentamento Taquaral e sobre o potencial das inovações sociais para transformar o meio rural. Ele conclui que a inovação social no meio rural é um processo complexo e multifacetado, que exige a participação ativa das comunidades e o apoio de instituições públicas e privadas. Ele defende que a construção de um Brasil mais justo e sustentável passa pela valorização dos territórios rurais e pela inclusão dos pequenos agricultores e assentados na agenda de desenvolvimento. Segundo Anderson, a experiência do Taquaral demonstra que é possível construir um futuro rural mais resiliente, onde as inovações sociais desempenham um papel central na criação de ecossistemas socioeconômicos equilibrados e sustentáveis. Caso contrário, a continuidade das desigualdades em tempo presente evidencia que essas injustiças são “problemas sociais fabricados” que poderiam ser revertidos, se houvesse vontade política e apoio às inovações sociais emergentes nos assentamentos.

Quando Anderson conclui que os assentamentos rurais são espaços de experimentação de futuros possíveis, sua visão se alinha a interpretação proposta nesta resenha a partir de Traverso (2019) sobre o tempo presente como uma “janela aberta para o futuro”. Traverso afirma que o tempo presente não é apenas “a leitura do passado à luz do agora”, mas também “a projeção de futuros alternativos possíveis”. Anderson aplica essa visão ao Taquaral, interpretando as práticas inovadoras e a mobilização das famílias assentadas como sementes de modelos de sustentabilidade e inclusão que poderiam servir de base para novas políticas públicas. Essa projeção de futuros permite que o autor do livro evidencie o potencial transformador dos assentamentos, desafiando a ideia de que o rural está preso ao atraso ou à falta de alternativas viáveis.

Portanto, a história do tempo presente enriquece o livro ao oferecer uma análise que vai além do simples registro dos eventos. No entanto, é importante destacar que essa categoria é empregada aqui pelo resenhista como ferramenta de leitura e não como conceito trabalhado explicitamente pelo autor da obra. Trata-se de uma ferramenta crítica que fornece uma metodologia para compreender a realidade vivida pelas famílias assentadas, as inovações sociais, os desafios políticos e as mobilizações comunitárias em tempo real. Essa abordagem oferece uma perspectiva crítica e dinâmica que revela as complexidades do desenvolvimento rural contemporâneo no Brasil, especialmente em um cenário de retrocessos e avanços instáveis. O autor não apenas documenta as experiências do assentamento Taquaral, mas propõe uma visão de como o presente pode se desdobrar em direções alternativas, fortalecendo a inclusão social e a sustentabilidade.

Recebido em 18 de dezembro de 2024
Aceito em 13 de novembro de 2025